

APRESENTAÇÃO

SCHOPENHAUER E A VIDA HEROICA

Quando foi dada a Aquiles a chance de escolher entre ter uma vida longa, confortável e tranquila ou morrer nos campos de batalha, ele simplesmente não escolheu. Não escolheu porque, no fundo, não se tratava de uma escolha, e sim de fazer aquilo que determinava a sua natureza — e a sua natureza exigia que ele lutasse até o fim. Esta era a sua sina, o seu destino. Aquiles, neste sentido, não se tornou um herói por causa de sua “bela morte” (a chamada morte heroica), mas por causa de sua vida, por não ter jamais trapaceado consigo mesmo, por ter-se mantido íntegro e coeso, fiel a si mesmo; por ter enfrentado sem temor (ou mesmo com algum, mas de pé e sem se acovardar) tanto a vida quanto a morte. Em terras indômitas e desconhecidas, ele se aventurou, como, aliás, fazem todos os autênticos guerreiros, termo cujo sentido real não é o do homem que luta por sede de glória, ou daquele que dá a vida pela grandeza (ou ganância) de seu país. O herói é simplesmente aquele que ensina, por seu próprio exemplo, que é possível ser livre, é possível ser senhor de si, não se curvando jamais, nem por toda a riqueza e o prestígio do mundo. A glória da eternidade é a única que lhe cabe; e esta só se conquista ao se viver de verdade e sem trair a própria natureza.

Rebentos de vida e de força: estes são todos aqueles que não se submetem facilmente às circunstâncias que lhes são impostas. E aqui se encontram os filósofos, os artistas, os homens de gênio em geral, ou, simplesmente, todos os que resistem bravamente às intempéries da vida sem se voltarem contra ela e sem jamais desistir de lutar por aquilo em que

acreditam. Dentre esses encontra-se o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860), que, como Aquiles, morreu honrosamente num campo de batalha e, decerto, numa guerra mais poderosa e nobre do que qualquer outra: a guerra travada pelo pensamento contra a ignorância que escraviza a humanidade.

Apesar da inegável influência que o pensamento de Schopenhauer exerceu sobre os mais diversos escritores e pensadores — como Nietzsche, Wittgenstein, Freud, Thomas Mann, Borges e até mesmo Machado de Assis —, não são muitos os que conhecem verdadeiramente a sua obra. Ele, que atacou tão duramente Hegel e toda a filosofia acadêmica de sua época (por considerá-la essencialmente estéril e até mesmo perniciososa para as mentes mais brilhantes), acabou, como não poderia deixar de ser, atraindo a antipatia de muitos de seus contemporâneos — o que o ajudou a permanecer por longo tempo no ostracismo. No entanto, Schopenhauer jamais se deixou intimidar pelos comentários maldosos e depreciativos sobre seus escritos. Assim, como todo grande pensador, ele não fez concessões para ser aceito e apreciado nos meios intelectuais, sendo fiel apenas à filosofia e a si mesmo.

Seu pensamento, sempre citado, nos **dicionários e histórias** da filosofia, como essencialmente pessimista, nos surpreende pela clareza (pouco comum nos alemães, como diz o próprio Schopenhauer) e também por apresentar um estudo inusitado sobre a felicidade ou, mais exatamente, sobre a possibilidade de se atingir alguma plenitude nesta vida. Sim, uma “arte de ser feliz” (que Schopenhauer designa pelo nome de “Eudemonologia”, ou “Eudemonismo”) não nega nem contradiz, como pode parecer, a sua ideia central de que a vida é dor e sofrimento (com algumas breves pausas de alegria). Mas é claro que termina por suscitar uma reflexão mais profunda acerca do próprio sentido do pessimismo

schopenhaueriano, já que, dentre outras coisas, o célebre “mestre do pessimismo” (como foi muitas vezes chamado) defendia que devemos abrir todas as portas quando a felicidade se apresenta, porque ela nunca deve ser considerada inoportuna.

Isso quer dizer, em outras palavras, que Schopenhauer não nega que existam verdadeiras alegrias nesta vida. Para ele, porém, elas são sempre mais fugazes que as dores. Neste ponto, em especial, ele concorda com Aristóteles, quando este afirma que a verdadeira felicidade consiste basicamente na ausência da dor. Por mais intensa que seja qualquer alegria, a presença da dor sempre a ultrapassa, segundo o filósofo alemão. Eis por que, para Schopenhauer, uma arte de ser feliz deve nos ensinar a reconhecer tudo o que fatalmente provocará nosso sofrimento, independentemente dos nossos desejos e aspirações. Aliás, a questão é ainda mais profunda: o desejo, sem o governo da razão, é a causa maior das nossas maiores angústias e decepções, em nada contribuindo para a nossa felicidade. Digamos que, por alguns instantes de prazer, muitos se arriscam a anos de tormento: é isto que Schopenhauer gostaria de mostrar e de ensinar a evitar — o que, em parte, não é muito diferente do alerta de Spinoza, que, em sua *Ética*, nos expõe os riscos dos maus encontros, das paixões tristes e despotencializadoras. Mas, sem dúvida, Schopenhauer radicaliza a questão e entende que só a cessação da vontade pode, de fato, permitir que se tenha alguma paz de espírito nesta vida.

É claro que se trata de uma perspectiva pessimista das paixões e dos desejos; pessimista e niilista, segundo as considerações de Nietzsche (seu discípulo mais célebre e também, por isso mesmo, um dos seus mais brilhantes opositores; pois, como diz o próprio Nietzsche, aquele que apenas repete seu mestre nunca será um bom discípulo). Mas, seja como

for, se um pensamento é pessimista, niilista, moralista ou mesmo o contrário disso, é uma questão de interpretação que varia segundo o olhar e o ângulo de quem o avalia. Ou talvez, quem sabe, seja mesmo possível estabelecer alguns parâmetros gerais para distinguir o que é afirmativo e negativo, ativo e reativo; mas, ainda assim, continuamos conceituando e permanecemos no domínio do juízo moral, que determina o que vale e o que não vale. Em poucas palavras, não se pode fugir jamais dos juízos (quem diz que pode não sabe o que está falando ou tem como proposta o caos absoluto das ideias e dos corpos, o que também é uma possibilidade, mas que certamente inviabiliza o próprio pensamento). O que resta, então, é um pensamento forte o suficiente para arriscar suas fichas e fazer sua aposta. É isto que faz um autêntico filósofo: ele produz sua própria interpretação do mundo e das coisas e, com sua chama, espalha luz e calor no abismo sombrio em que vivem os homens. Nem sempre suas ideias serão agradáveis (e, afinal, como diz sabiamente Schopenhauer, a verdade não tem que ser agradável ou bela). Mas, certamente, serão sempre libertárias, pela única razão de que o filósofo faz da sua própria existência uma tocha que ele lança no escuro para iluminar o labirinto em que se tornou a vida humana.

É assim que, independentemente de ser um pessimista e, de fato, mostrar-se um tanto indisposto em relação à vida (o que, no fundo, revela mais sua indisposição em relação aos próprios homens, ou, mais exatamente, aos caminhos traçados pela humanidade, posto que é isso que tem tornado a vida tão irrespirável e miserável), Schopenhauer não deixa de ser genial e brilhante, não sendo outra a razão pela qual o próprio Nietzsche o chamou de “o educador”, aquele que pode verdadeiramente nos ensinar algo de valor para nossa vida. Ele segue como um sol entre os homens, mesmo quan-

do profere as ideias mais tenebrosas. Afinal, assim como o sol também é, de tempos em tempos, encoberto por nuvens, da mesma maneira um homem, por mais genial que seja, também é vítima das tempestades de sua alma. E, afinal de contas, Schopenhauer não está tão equivocado quando diz que as paixões podem nos escravizar de modo irremediável. Há, de fato, que ser senhor de si mesmo para não se tornar um escravo delas, já diziam os estoicos gregos. O meio-termo, neste caso, como em quase tudo, seria o melhor caminho, diria Aristóteles (e, assim, trata-se mais de governar as paixões do que de extirpá-las), embora Schopenhauer, neste ponto, não concorde com ele e proponha o abandono completo das paixões mundanas e de tudo o que desvia a razão de seu caminho para uma existência superior ou mais digna. E isso só é possível, segundo Schopenhauer, se rompermos com a cadeia ininterrupta dos desejos que leva os homens a viverem buscando, sem cessar, prazeres fugazes e inconstantes; prazeres que ora fazem sofrer por não se realizarem, ora desencadeiam outros desejos tão logo sejam satisfeitos, e, assim, ao infinito.

“Para quem pouco não basta, nada basta”, dizia Epicuro, também na época dos primeiros estoicos. Mas Epicuro não defende a extirpação dos desejos, e sim a sabedoria para distinguir as verdadeiras das falsas necessidades, ou seja, para reconhecer aquilo que serve para nosso fortalecimento e libertação (como dirá também, muitos séculos depois, Spinoza) e aquilo que nos aprisionará e, paulatinamente, diminuirá nossa potência de ser, de existir.

Pois bem: dito isso, voltemos a falar um pouco mais do próprio conceito de pessimismo. Sem dúvida, as conclusões de Schopenhauer acerca da miséria da existência e também da necessidade de supressão da vontade (única maneira, para ele, de se atingir uma duradoura paz de espírito) fazem dele

um pessimista. Mas, a despeito da negatividade deste conceito, que apareceu primeiramente entre os ingleses, mas encontrou sua melhor expressão na filosofia de Schopenhauer, o pessimismo nada mais é do que uma reação vigorosa à concepção leibniziana de que vivemos “no melhor dos mundos possíveis”.

Sim, Schopenhauer não podia mesmo concordar com a ideia de Leibniz de que “tudo sempre caminha para o melhor”, logo ele que se sentia profundamente consternado com as dores do mundo. No entanto, alguns leitores do filósofo alemão afirmam que é preciso reavaliar o pessimismo de Schopenhauer e, sobretudo, não entendê-lo como um sinal de fraqueza ou de puro niilismo, e sim de uma lucidez extraordinária que não se deixa nunca enganar ou iludir. De fato, foi essa tese de fundo pessimista, essa desconfiança profunda que Schopenhauer tinha do mundo e da vida (que, para Nietzsche, não deixa de ser uma reação contra a própria vida, certa indisposição do espírito em face do caráter problemático e inconstante da existência), que o levou a buscar obstinadamente uma felicidade concreta, liberta de ilusões e delírios. Em outras palavras, porque acredita que as alegrias são sempre mais breves e menos marcantes que as dores, ele busca problematizar a vida até a sua máxima potência, procurando maneiras de fazer durar o que, por natureza, é transitório e fugaz. Seja como for, ainda que, para ele, a vida seja realmente feita mais de trevas do que de luz, nem por isso ele próprio desistiu de viver ou de tentar ensinar aos homens uma maneira de tornar a vida mais autêntica e poderosa. Afinal, mesmo com todas as atribulações que marcaram sua existência, Schopenhauer jamais deixou de levar às últimas consequências as suas maiores paixões.

Nada parece soar mais contraditório do que a ideia de um Schopenhauer apaixonado, já que ele próprio se apresentava

como um adversário implacável das paixões e dos desejos. Ainda assim, independentemente de suas próprias considerações, é inegável que Schopenhauer também foi movido por uma grande e incontrollável paixão: a paixão pelo pensamento, a paixão pela filosofia. Sim, é fato que, para ele, existe uma diferença de natureza entre as paixões mundanas e o amor do filósofo pela verdade e pelo conhecimento. Realmente, são coisas distintas, que produzem modos de vida bem diferentes, sobretudo no que tange à possibilidade de produção da própria existência. No entanto, no fundo de tudo o que nos move está a paixão, essa chama, essa força vital que não nos permite, nem que queiramos, desviar a atenção do nosso objeto do amor. Para o bem ou para o mal, a isso chamamos “paixão”, e não é sem razão que filósofos como Spinoza, o barão de Holbach, Jean-Marie Guyau e Nietzsche não a veem como um sentimento (pulsão, afeto etc.) negativo e perigoso, a não ser quando ela se fixa em algo que nos despotencializa, nos enfraquece. Neste caso, como pensa o próprio Spinoza, a qualidade do nosso amor é medida pela qualidade do objeto que amamos. É assim que nossas paixões podem ser alegres ou tristes, ou, como diria Nietzsche, baixas e vis, ou nobres e sublimes.

Antes de passarmos a outros pontos da filosofia desse pensador que ousou conjugar em seu sistema — e de um modo totalmente original, embora não pouco problemático — Platão, Kant e alguns elementos do budismo indiano, convém ressaltar que todo filósofo, no sentido mais estrito e elevado da palavra, nunca separa realmente a vida e a obra, ou, mais exatamente, as ideias e as ações. Neste caso, pode-se dizer que é o pensamento que se concilia com a vida, e vice-versa. Por isso mesmo, este livro que ora apresentamos, do grande estudioso da cultura germânica Adolphe Bossert (1832-1922), não tem a intenção de contrapor o homem ao

pensador, e sim de nos dar elementos para entendermos melhor como esses aspectos se entrelaçam. Pois é fato que um homem de gênio — como Schopenhauer — tem sempre um quê de extraordinário que transcende a sua realidade imediata, mas isso não quer dizer que seu aparecimento seja algo sobrenatural ou miraculoso.

Sobre esse ponto, algumas palavras se fazem necessárias, sobretudo em nosso tempo, tão avesso à ideia dos gênios, das excepcionalidades, como se tal coisa ferisse o tão proclamado desejo de igualdade entre os homens. Bem, para começar, um homem de gênio (um filósofo, um artista, um líder político, um inventor) é, antes de tudo, uma combinação excepcionalmente feliz de elementos que estão presentes em todos os homens (embora quase nunca se conjuguem de um modo muito conciso e perene). Ele é o resultado das múltiplas forças que agem sobre ele: as de seu próprio caráter pessoal (que é um misto de sua história particular de vida e de suas características individuais) e também as do campo social. Sim, ele é um produto do seu mundo, do seu meio, mas também é, em parte, produto do acaso (e aí existe um quê de mistério, embora nem por isso se trate de algo mágico). A genialidade, no fundo, não é outra coisa senão a expressão de uma singularidade máxima, de um homem que consegue exercer até a enésima potência as virtualidades do seu ser, ou, antes, da própria espécie humana (virtualidades quase sempre impedidas de eclodir de modo pleno). É porque atinge essa singularidade máxima que um homem se torna uma excepcionalidade.

Mas, afinal, qual é o verdadeiro valor desse “homem de gênio” para a humanidade? É fato que todo ser é único e insubstituível; todos são singulares. No entanto, é inegável que são poucos os que conseguem efetuar a existência de um modo integral, vigoroso. E são ainda mais raros os que ou-

sam transpor os limites, as barreiras que habitualmente re-
têm os homens comuns (sempre mais preocupados com a
sobrevivência pessoal do que com o destino da humanidade).
No entanto, são esses que impedem o mundo de girar em
círculos. É isto exatamente que representa Schopenhauer: o
homem de gênio que sacrifica suas conveniências pessoais, a
paz confortável de quem cumpre o papel que lhe foi previa-
mente conferido, para trabalhar em prol da espécie (ou, sim-
plesmente, das gerações vindouras).

É claro que eles não são os únicos responsáveis pelas
grandes transformações da humanidade. Eles não podem so-
zinhos produzir as mudanças. É o campo social que as pro-
move. No entanto, são esses guerreiros que enfrentam pri-
meiramente a escuridão e se lançam sem medo em terras
desconhecidas. São eles que abrem os caminhos, as portas do
porvir, para que a verdadeira tarefa do pensamento se exerça
— que é fazer tombar a Bastilha dos fanatismos e dos pre-
conceitos humanos. Schopenhauer traduz bem o seu projeto,
num misto singular de pessimismo e vitalidade: “Uma vida
feliz é impossível; aquilo que o homem pode realizar de mais
belo é uma vida heroica.” É assim, portanto, que ele tenta
lançar mais longe — não no espaço, mas no tempo — esse
“dardo do conhecimento” que herdou de Kant e que, por seu
intermédio, chega a Nietzsche.

É por ser um homem obstinado e corajoso que Schopen-
hauer, mesmo tendo passado quase toda a vida em total obs-
curidade, nunca deixou de confiar na grandeza de sua tarefa
e no valor de seu pensamento, e fez questão de se distinguir
essencialmente de grande parte dos filósofos e acadêmicos
da sua época (especialmente de Hegel, que ele chamava de
“o grande desarranjador de cérebros”, e de seus discípulos).
Para Schopenhauer, existem os “livres-pensadores” e os “ope-
rários da filosofia”. Estes últimos não são, para ele, propria-

mente filósofos, mas burocratas do saber, “funcionários públicos” que ocupam as cátedras universitárias para despejar sobre mentes imaturas um conhecimento superficial. Schopenhauer é duro, sem dúvida. E também Nietzsche — que, neste ponto, segue os passos de seu mestre espiritual, afirmando que ser duro é a característica de todo criador. Para completar, Schopenhauer ainda chega a dizer que seria preferível não haver filosofia a vê-la entregue àqueles que vivem dela e não “para” ela, já que a filosofia não é uma atividade da qual se possa tirar férias. Ao contrário disso, o filósofo, como ele próprio dizia, é o “notívago” que fica de vigília para que os outros possam dormir.

Enfim, como dissemos acima, Schopenhauer é um desses filósofos cuja vida e o pensamento caminham em paralelo. Assim, guardando as devidas proporções, podemos dizer que, se no âmbito do pensamento Schopenhauer é herdeiro de Platão e de Kant, na formação de seu caráter e de sua personalidade encontramos duas influências decisivas: a do pai e a da mãe. De um lado, temos o pai, Heinrich, um rico comerciante, bem mais velho que sua esposa, que tinha como lema a máxima “Não existe felicidade sem liberdade”. Um homem sem pretensões intelectuais, de caráter firme, que deixou como legado o gosto pela independência e pela altivez de espírito, típica dos que desde cedo aprenderam a conhecer os homens e o mundo com seus próprios olhos e ouvidos. Para Heinrich, um homem jamais deveria negociar sua liberdade ou trocá-la por qualquer outro benefício oferecido; e não é por outra razão que ele ensinou Schopenhauer a nunca se curvar, nem mesmo para comer ou escrever.

De outro lado, temos a mãe, Johanna, uma mulher dotada de sensibilidade artística e bem mais apaixonada pelo brilho da vida social do que seu marido. Certamente, ela influenciou Schopenhauer em seu amor pela arte e pela poesia, em-

bora não seja segredo que a relação dos dois estava longe de ser amena. Aliás, é difícil não conjecturar que a visão essencialmente negativa que Schopenhauer tinha das mulheres, de alguma forma, estava ligada a esse conflituoso e tempestuoso relacionamento. No fundo, Schopenhauer jamais perdoou sua mãe por ela rapidamente abandonar a discrição e a reclusão que se espera de uma viúva e, pouco depois da morte do marido, partir para Weimar em busca de satisfazer seus gostos literários e artísticos. Também o incomodava que ela dissesse que já havia perdido muito tempo de sua vida. Mas, a despeito de qualquer coisa, é inegável que a figura da mãe foi decisiva na vida do filósofo, sobretudo no momento em que o jovem Schopenhauer sentia-se oprimido pela tarefa de levar em frente o desejo de seu pai de que ele seguisse seu ofício.

Nesse momento, Johanna, que não se deteve na hora de fazer valer seus próprios desejos, incentivou o filho a escolher o caminho que pudesse fazê-lo feliz, não tendo jamais cobrado dele qualquer compromisso póstumo com o pai. Muitos podem até considerá-la frívola ou ingrata para com a memória do marido, mas talvez ela tenha aprendido com o próprio esposo que “não existe felicidade sem liberdade”. Johanna soube realmente lutar por sua própria liberdade e também, de algum modo, incentivou Schopenhauer a lutar pela dele, ajudando-o a tirar esse grande peso dos ombros. Pode-se dizer que ela participou ativamente de uma escolha que fez o mundo perder um comerciante e ganhar um filósofo. E isso não é pouca coisa.

Outra figura importante na vida de Schopenhauer foi sua irmã, Adele. Infelizmente, só muito tarde eles vieram a descobrir como eram parecidos: a própria Adele revelou-se também uma mulher de espírito. Mas, talvez sufocada pela exuberância da mãe (que gozou de certa fama em sua época,

por conta de seus romances) e, provavelmente, com menos vigor e coragem para fazer valer sua vontade, ela só deu início a uma carreira literária após a morte de Johanna. Quanto à sua personalidade, a única fonte de informação são algumas cartas trocadas com o irmão, que mostram suas refinadas sensibilidade e inteligência. Em poucas palavras, o que queremos ressaltar aqui é que, apesar das diferenças marcantes de personalidade entre o pai e a mãe de Schopenhauer, ambos foram capazes de viver segundo suas próprias determinações e a despeito das opiniões alheias (pelo menos no sentido de não se privarem daquilo que julgavam essencial para suas vidas). Este não deixa de ser, certamente, um brilhante aprendizado tanto para o homem quanto para o filósofo Schopenhauer.

Dito isso, voltemos às ideias do filósofo que, segundo Nietzsche, conseguiu ir além das deficiências de seu tempo e ensinou “de novo” algo que a filosofia jamais deveria ter esquecido: a simplicidade e a honestidade, tanto no pensamento quanto na vida. Sim, Schopenhauer é simples, íntegro e, sobretudo, sereno como Montaigne, diz Nietzsche. Mas não é só isso. É forte e vigoroso, como dissemos. Concordando ou não com os seus princípios, somos tentados a refletir sobre suas ideias, sempre coerentes e harmônicas.

Sem dúvida, Schopenhauer produziu um sistema extraordinário. Apesar de Nietzsche considerar a “vontade de sistema” uma espécie de desonestidade diante da vida (sempre tão fluida e pulsante para ser colocada em uma “fôrma”), nele tudo é honesto, até mesmo o seu sistema. Schopenhauer, que considerava que a verdade não foi feita para agradar e tampouco deve depender de aplausos ou de adesões, defende que a filosofia deve estar a serviço da humanidade. Sim, um filósofo vive para a filosofia e não da filosofia, isso já foi dito; mas a filosofia não é algo que se faz por diletantismo; não é

uma paixão como outra qualquer. A filosofia é uma paixão comprometida com a vida e com a verdade — ou com a sua busca, ainda que nosso tempo, repetindo sem cessar uma má leitura de Nietzsche, tente a todo custo defender um relativismo cínico e vulgar. Certamente, não é o caso de Schopenhauer, que ousou, como todo filósofo que se preze, interpretar as coisas sem pedir licença aos doutores da época (pedido que, hoje, ele teria que estender provavelmente ao mundo inteiro, que, cada vez mais, tem confundido o poder de ação e de transformação do pensamento com opiniões banais e raciocínios superficiais).

De todos os filósofos com os quais Schopenhauer dialogou, Platão e Kant, como dissemos, são de longe aqueles pelos quais ele teve maior apreço, embora também não concordasse com eles em todos os pontos (o que é realmente de se esperar de alguém que pensa por si). Digamos que, de Platão, ele herdou a concepção da eternidade das Ideias, embora tenha sido na sua associação com Kant que ele produziu o maior de todos os seus conceitos: o da Vontade como a única “coisa em si”. Sim, Schopenhauer reafirma sua posição com relação à representação: “O mundo é minha representação”, diz ele, e isso quer dizer que existe, tal como defendia Kant, um abismo entre a imagem que temos das coisas e as coisas em si mesmas.

Em outras palavras, Schopenhauer não esconde a influência de Kant no seu pensamento, e se, de certa forma, ele concorda com a distinção entre o “noumeno” e o “fenômeno” (sendo o primeiro a coisa propriamente dita, aquilo que existe em si e por si, e o segundo “a coisa” tal como ela nos aparece), ele também defende, diferentemente de Kant (ou, segundo ele mesmo, apenas de um modo mais aprofundado), que a única coisa em si que existe é a Vontade. É ela que atravessa todos os seres, é ela que anima todos os corpos.

O ser é a Vontade e cada indivíduo nada mais é do que o clamor, a expressão profunda dessa Vontade una e eterna.

Dito de outra forma, para Schopenhauer todo ser é Vontade (que ele chama de “querer viver”); eis por que a vida é um embate constante, uma luta perpétua. É aqui que o círculo vicioso se forma, uma vez que cada ser busca, sem cessar, satisfazer suas necessidades e seus desejos. É nesse ponto que Schopenhauer conclama os homens a romperem com esse ciclo, libertando-se da tirania da Vontade (a grande responsável pelas dores e os sofrimentos do mundo, como dissemos no início). Convida os homens a submeterem esse “querer viver” à inteligência. Sem dúvida, a inteligência também é criação da Vontade, mas é ela que pode orientar essa vontade que nos percorre, libertando-a das ilusões do mundo. Afinal, no homem, a vontade, levada ao limite extremo, só gerou guerras e ódios, lutas sem fim. Nesse ponto Schopenhauer mostra a influência que o pensamento oriental teve sobre a sua filosofia, chegando a usar a noção hindu de “Maya” para falar da ilusão do mundo. Sim, o véu de Maya é o véu da ilusão, o mundo como representação. O que existe em si não são as coisas tais como elas nos aparecem, mas a Vontade que anima e subjaz em todas essas coisas. É preciso ir além das aparências e fixar o olhar na verdade: esta é a única forma de libertar o homem de sua escravidão.

Em tudo e por tudo, Schopenhauer produziu uma filosofia profundamente original. Original por ser composta de elementos tão heterogêneos; original também porque, segundo ele próprio, é a mais simples de todas, a que é composta de menos elementos e, por isso, deve ser a mais verdadeira. Schopenhauer mistura simplicidade, honestidade, profundidade e, em alguns momentos, até certo humor. Sobre Sócrates, por exemplo, mesmo considerando a sua sabedoria “um artigo de fé filosófico”, ele não deixa de achar muito pouco

sábio um pensador limitar-se “a uma minoria que o acaso aproxima dele”. Ao contrário disso, diz Schopenhauer, o pensador deve buscar estender a sua influência a todos, o que só é possível pela escrita. Sócrates, diz, assemelha-se, neste caso, aos “heróis práticos, que agiram mais com seu caráter do que com sua cabeça”. E, como se este chiste não bastasse, ele ainda aproveita para dizer que, segundo certas fontes, Sócrates tinha a barriga grande e que isso, certamente, não é “um dos sinais distintivos do gênio”.

Em suma, Schopenhauer é isso e muito mais (coisa que Bossert nos mostra neste livro com grande elegância, mas também com espírito crítico). De fato, Schopenhauer é um homem austero, duro, às vezes até mal-humorado, mas também é aquele que passeia alegremente todos os dias com seu cão e que defende que 90% da nossa felicidade residem na saúde, deixando aos homens e, sobretudo, aos filósofos do futuro a lição de que é preciso cuidar tanto do corpo quanto do espírito. É assim que, pessimista ou niilista, Schopenhauer continua sendo o grande mestre da humanidade.

Regina Schöpke